



Tecnologia faz renda crescer no campo e trabalho informal cair, aponta estudo

Número de trabalhadores no agronegócio caiu 1,9% ao ano de 2012 a 2017, sobretudo os informais, e rendimento cresceu 7% no período

Márcia De Chiara, O Estado de S.Paulo

Desde que começou a cursar agronomia na Universidade Estadual de Londrina (PR), Gustavo Okano Alves Pinto, de 22 anos, queria trabalhar na área digital. No segundo ano da faculdade, um professor lhe apresentou a agronomia digital. Ela une o conhecimento da agronomia tradicional e um grande número de dados coletados no campo em tempo real, além de informações sobre o passado das lavouras. Com isso, é possível decidir o melhor momento, por exemplo, de plantar, gastando menos.

“Percebi que aquela toada da agronomia tradicional estava muito batida”, lembra Okano. De lá para cá, ele começou a procurar cursos e estágios paralelos à faculdade para se tornar um agrônomo digital. Hoje, prestes a concluir a faculdade, acredita que com essa qualificação extra poderá conseguir um emprego com salário inicial até 25% maior do que o pago a um agrônomo tradicional. “A agronomia digital é um mar de calma: pouca gente trabalhando e uma demanda forte por profissionais qualificados.”

O que o estudante percebeu na prática aparece nos resultados de uma radiografia do mercado de trabalho do agronegócio, feita pelo Centro de Estudos do Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Nos últimos cinco anos, o agronegócio tem absorvido cada vez menos mão de obra, sobretudo informal. Isso ocorreu por causa da incorporação de novas tecnologias no campo, mais intensivas em capital, que ampliaram a produtividade. O resultado foi o aumento da remuneração dos trabalhadores, num ritmo mais intenso do que o da economia em geral. O campo admitiu profissionais qualificados, como Okano, e pagou mais por isso.

O estudo inédito, baseado em dados da Pnad do IBGE e coordenado pelo economista Felipe Serigatti, revela que entre 2012 e 2017 a população ocupada no agronegócio caiu 1,9% ao ano. Em 2012 eram 19,7 milhões de pessoas e, no fim do ano passado, 18 milhões.

INFORME

A queda foi mais acentuada no trabalho informal (- 3,4% ao ano), mas também houve recuo nos trabalhadores formais do agronegócio (-1,4%).

Na agricultura, que é um dos segmentos do agronegócio, a retração na ocupação foi bem maior: de 5% ao ano nas contratações informais e de 4,9% nas formais.

“O agronegócio tem absorvido cada vez menos mão de obra informal e com menos qualificação. Isso pode parecer uma má notícia, mas não é”, afirma Serigatti.

Ele argumenta que, com o uso intensivo de tecnologia, a produtividade e a renda dos ocupados aumentou. Entre 2012 e 2017, o rendimento médio real (descontada a inflação) do trabalho no agronegócio cresceu 7%, muito acima do avanço registrado para os trabalhadores de todos os setores da economia no período, de 4,6%. Na agropecuária, o avanço acumulado em cinco anos foi de 9,2% e na agricultura, de 8,3%.

Caos. Serigatti explica que a redução de mão de obra no campo não levou ao aumento do número de desempregados. “Não compartilho dessa hipótese de que a liberação dessa mão de obra tenha levado ao caos social.”

Com mais produtividade, o agronegócio, ampliou a renda nas cidades do interior e os desempregados do campo foram trabalhar no setor de serviços.

O economista faz essa afirmação com base no desempenho da economia do interior que, de acordo com o IBGE, foi melhor do que o das regiões metropolitanas. Entre 2000 e 2015, o PIB das cidades do interior cresceu 3,7% ao ano, enquanto o das regiões metropolitanas avançou 2,5% e o do País subiu 3%.

Um estudo da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) confirma a tendência apontada pela FGV, porém com números diferentes.

Renato Conchon, coordenador do Núcleo de Economia da CNA, diz que a fatia da mão de obra ocupada no agronegócio, que era de 32% em 2014, caiu para 19% em 2017. “O campo está contratando menos e pagando mais”, afirma.

A parcela de trabalhadores que recebiam até um salário, que era 33,6% dos ocupados em 2014, recuou para 29,8% em 2016. No mesmo período, a fatia dos que não tinham instrução ou até dois anos de estudo diminuiu de 34,4% para 32,3%.

“O campo como mercado de trabalho para os sem qualificação está cada vez menor”, observa.

INFORME

Falta de mão de obra qualificada é o gargalo do setor

Crescimento do agronegócio no futuro pode ser afetado pelo déficit de trabalhadores especializados

Márcia de Chiara, O Estado de S.Paulo

A falta de trabalhador qualificado é um gargalo que pode comprometer o crescimento do agronegócio no médio prazo, pressionando custos, sobretudo em lavouras com uso intenso de tecnologia, como a soja. No Mato Grosso, o maior produtor de soja do País, que neste ano deve colher 32 milhões de toneladas, existe um déficit de mão de obra especializada, conta o diretor executivo da Associação dos Produtores de Milho e Soja (Aprosoja), Wellington Andrade. “Não tenho números sobre o tamanho do déficit, mas ouço relatos de produtores sobre a dificuldade de encontrar trabalhadores qualificados.” Ele conta que a quantidade de mão de obra qualificada formada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Mato Grosso não é suficiente para atender à demanda.

Não é por acaso que o estudo da FGV sobre o mercado de trabalho no campo aponta que a soja foi a atividade do agronegócio que melhor remunerou os trabalhadores. No ano passado, a mão de obra empregada no cultivo do grão recebeu, em média, R\$ 2.610,48 por mês, uma cifra 26% maior do que a remuneração média da população ocupada em todas as atividades no País (R\$ 2.078) e acima do agronegócio como um todo (R\$ 1.406). Andrade, da Aprosoja-MT, e o economista Renato Conchon, da CNA, concordam que a escassez de trabalhadores qualificados tem pressionado os salários dentro da porteira.

O economista da CNA explica que a produtividade no campo considera os fatores terra, tecnologia e mão de obra. No caso da terra, há limitações na expansão de área. Na tecnologia, os ganhos de produtividade alcançados até agora podem não se repetir no futuro. É exatamente na mão de obra, segundo ele, que há espaço para crescer a produtividade. “O desempenho do agronegócio pode estar ameaçado, se não houver oferta de trabalhadores qualificados para operar máquinas e agrônomos para interpretar dados.”

Herlon Oliveira, CEO da Agrusdata, empresa especializada em projetos de lavouras digitais, vê, na prática, o gargalo de mão de obra qualificada e a valorização dos profissionais com conhecimento na interpretação de uma grande quantidade de dados, que é o coração da agricultura digital. Há dois anos e meio implantando projetos de agricultura digital, Oliveira conta que tem 40 clientes, a maioria produtores de grãos. “Há uma corrida para agricultura digital, que ampliou a demanda por projetos e profissionais treinados.” Ele explica que, com a agricultura digital, é possível cortar em até 9% o custo das lavouras, por conta do uso acertado dos dados na tomada de decisões. Mas a oferta de agrônomos digitais ainda é pequena.

(Fonte: Estado de SP – 19/03/2018)